

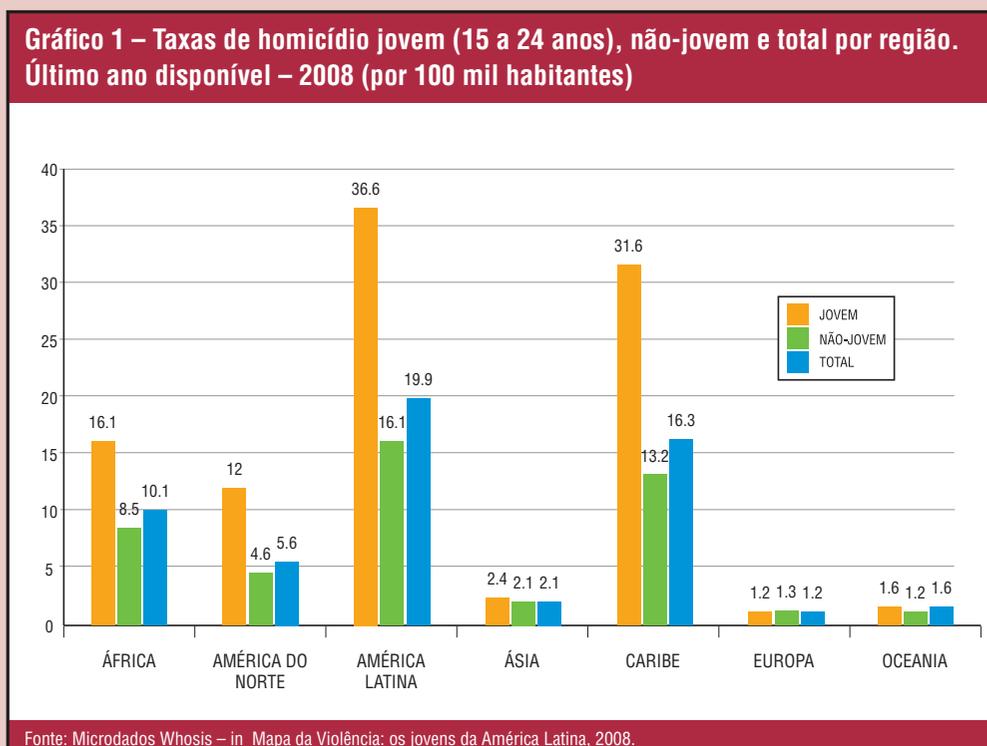
# ◎ RETRATOS DA VIOLÊNCIA

# Morte brasileira: a trajetória de um país

A morte é um grande personagem. De capuz e foice na mão, comove plateias no mundo todo. Mas será esse mesmo o perfil da morte brasileira? A morte brasileira usa capuz ou bermunda e chinelo? Ela é branca ou negra? Jovem ou velha? Os dados aqui apresentados nos permitem traçar esse perfil infeliz e verificar que a morte brasileira é assim: um rapaz negro de bermuda e chinelo, às vezes estampado nas páginas policiais dos jornais, morto. E esse perfil talvez explique porque o Brasil demorou tanto tempo para começar a responder a essa tragédia de forma mais determinada.

Silvia Ramos\*

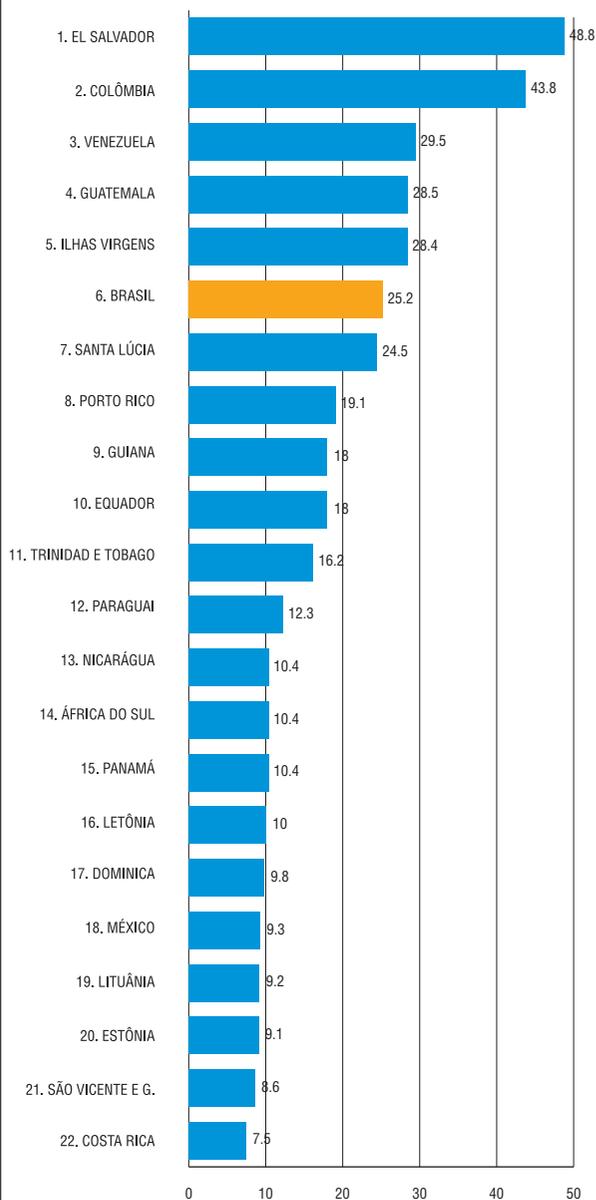
Quando tomamos as taxas de homicídio como o indicador mais importante de violência, verificamos que a América Latina é a região mais violenta do globo, com quase 20 homicídios por 100 mil habitantes. Se consideramos somente a população jovem (de 15 a 24 anos), os dados revelam uma situação ainda mais grave, chegando a 36,6 homicídios por 100 mil jovens.



\* Cientista social e coordenadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC) da Universidade Candido Mendes e integrante do Grupo de Referência do Observatório da Cidadania.

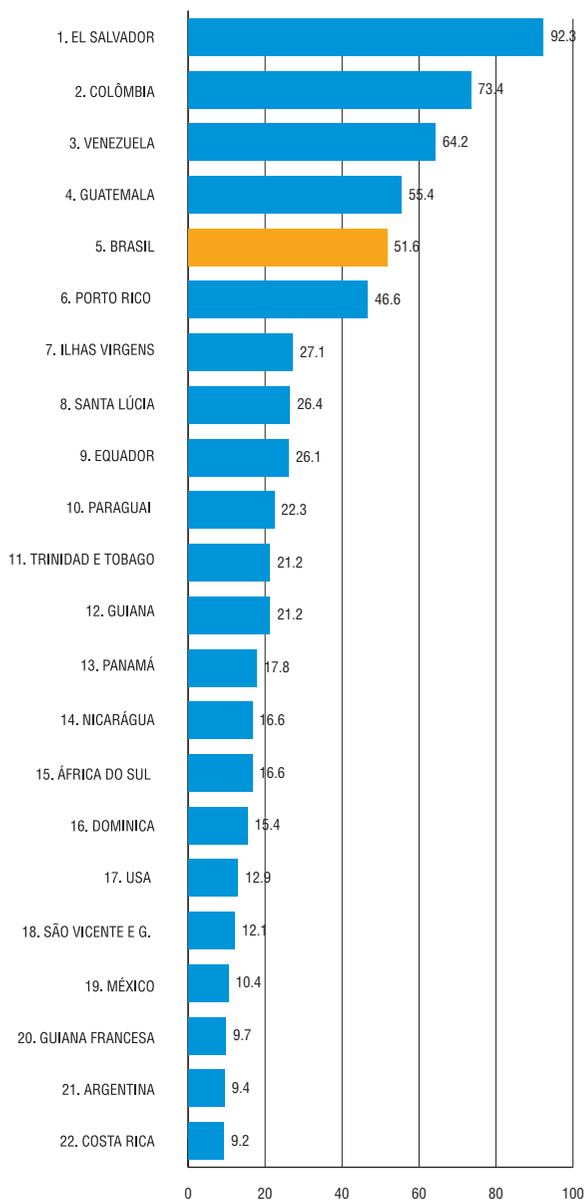
Quando comparamos os países, observamos que o Brasil é o sexto país do mundo em homicídios, com uma taxa de 25,2 homicídios por 100 mil habitantes. Para dar uma ideia da gravidade desses números, basta dizer que a taxa para Portugal é de 1,6, sendo ainda menor para França, Alemanha e Inglaterra - 0,7, 0,6 e 0,3 por 100 mil habitantes, respectivamente (Whosis in *Mapa da Violência: os jovens da América Latina*). Os EUA, considerado um dos países mais violentos entre os países desenvolvidos, possui uma taxa anual de homicídios de 6 por 100 mil. Quando consideramos como indicador de violência a taxa de homicídios, poucos países se revelam mais violentos que o Brasil: El Salvador, Colômbia, Guatemala, Venezuela e Ilhas Virgens. A África do Sul, por exemplo, sempre lembrada como um país violento, possui taxa bem menor que a do Brasil, de 10,4 por 100 mil habitantes, estando no 16º lugar do ranking mundial.

**Gráfico 2 – Taxa de homicídio total (por 100 mil habitantes)**



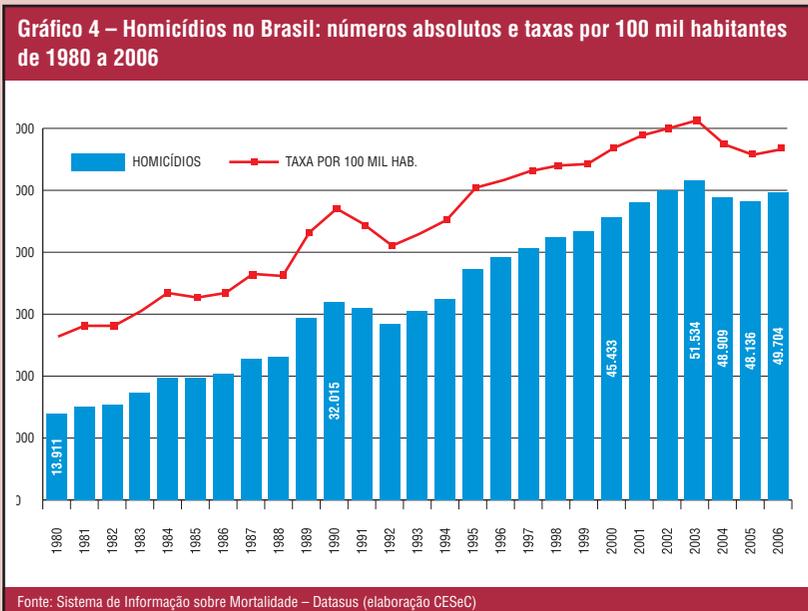
Fonte: Whosis – Sistema de Informação Estatística da OMS (Waiselfisz, 2008)

**Gráfico 3 – Taxa de homicídio juvenil (por 100 mil habitantes)**



Fonte: Whosis – Sistema de Informação Estatística da OMS (Waiselfisz, 2008)

Quando consideramos somente os homicídios de jovens de 15 a 24 anos, o Brasil aparece como o quinto colocado no *ranking* mundial, com uma taxa de mais de 50 por 100 mil habitantes. De fato, com quase 50 mil homicídios a cada ano e taxas acima de 25 homicídios por 100 mil habitantes há vários anos, o Brasil consolidou um quadro na distribuição das mortes violentas. O perfil das vítimas tem contribuído historicamente para que sejam frágeis as respostas que governos e sociedade têm dado para o tema da violência urbana, a criminalidade e a segurança pública. Quem está morrendo? A distribuição dos homicídios é caracterizada pela sua extrema concentração entre jovens, do sexo masculino, com baixa escolaridade e renda, negros e moradores de favelas e periferias dos centros urbanos.



## IDADE DA MORTE

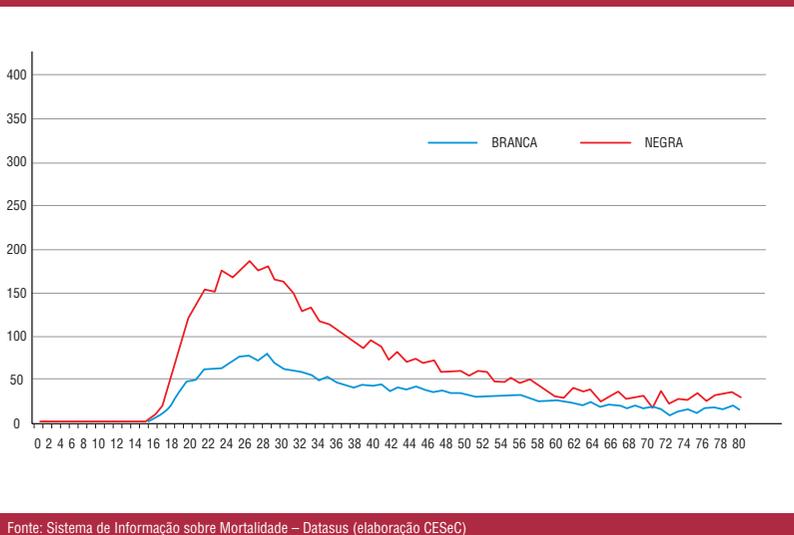
No Brasil, a taxa de homicídios juvenil é de 51,6 por 100 mil jovens. Muito acima da média nacional para o total de homicídios de 26,6 por 100 mil habitantes (2006). Em Pernambuco e Rio de Janeiro, a taxa chega a 102,2 e 100,1 por 100 mil jovens, respectivamente.



## COR DA MORTE

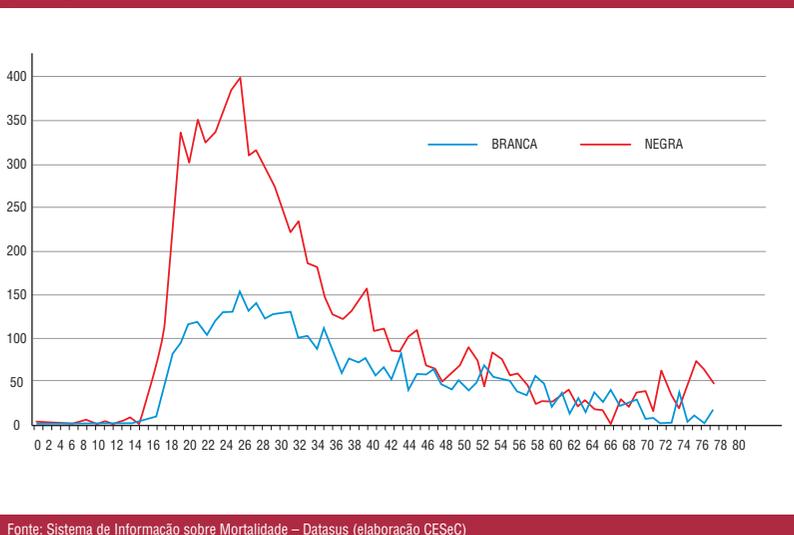
No Brasil, há que se notar ainda uma característica chocante quando examinamos de perto quem são as vítimas de homicídio. Tomando a variável cor/raça por faixas etárias, verificamos a extraordinária concentração de mortes violentas intencionais entre jovens pretos e pardos. Essa concentração foge a todos os padrões internacionais. Por outro lado, o fato de a maioria dos autores e vítimas de violência letal serem do sexo masculino corresponde a um padrão internacional.

**Gráfico 6 – Taxas de homicídios de homens (por 100 mil habitantes) por raça e idade – Brasil, 2006**



Em estados como Rio de Janeiro e Pernambuco, que possuem um percentual de mortes provocadas por armas de fogo superior a 80%, as taxas de homicídios de jovens do sexo masculino negros atingem 400 por 100 mil habitantes em algumas faixas etárias.

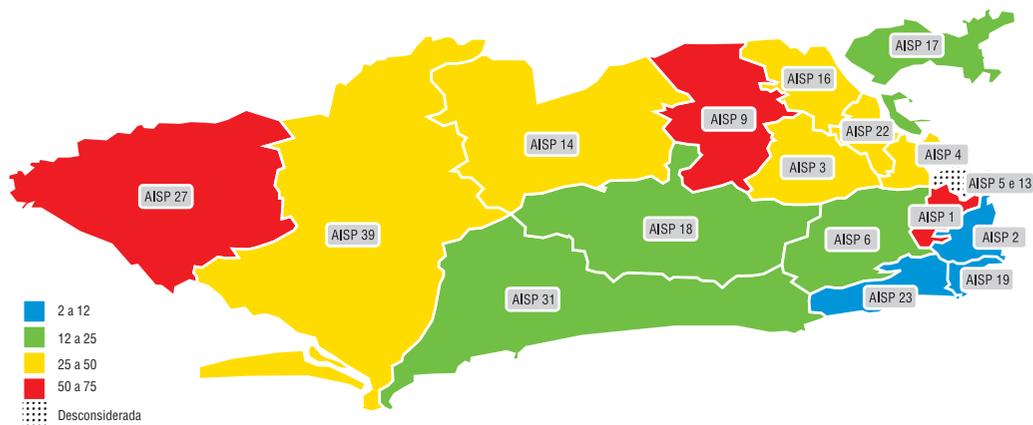
**Gráfico 7 – Taxas de homicídios de homens (por 100 mil habitantes) por raça e idade – Rio de Janeiro, 2006**



## GEOGRAFIA DA MORTE

A distribuição geográfica das ocorrências de mortes violentas em diversas cidades do Brasil, assim como a da cidade do Rio de Janeiro, é extremamente desigual. Observam-se taxas de homicídios baixas ou inexistentes nas áreas mais ricas e taxas de países em guerra nos subúrbios, favelas ou bairros pobres, muitas vezes situados a 30 ou 40 minutos de distância. Em áreas como Leblon, Ipanema, Copacabana e Botafogo, encontramos um padrão de países desenvolvidos, com menos de 10 homicídios por 100 mil moradores. A uma distância de 40 minutos de carro, como Complexo do Alemão, Maré, Vigário Geral, Parada de Lucas ou Santa Cruz, encontramos mais de 60 homicídios para cada 100 mil moradores, padrão semelhante ao de países em guerra.

**Gráfico 8 – Homicídios dolosos por 100 mil habitantes  
Município do Rio de Janeiro – Áreas Integradas de Segurança Pública (AISP) – 2008**



Fonte: ISP/SSP-RJ, com base em Registros de Ocorrência da Polícia Civil elaboração: CESeC/Ucam

### Identificação de algumas áreas:

**AISP 23, 19, 02:** zona sul

**AISP 16:** Penha, Complexo do Alemão, Vigário Geral, Parada de Lucas e outras

**AISP 22:** Complexo da Maré e Bonsucesso

**AISP 9:** Rocha Miranda

**AISP 14 e 39:** Bangu e Campo grande

**AISP 27:** Santa Cruz

**AISP 5 e 13:** centro – Desconsideradas por causa da enorme desproporção entre população residente e população flutuante aí existente, o que distorce muito o índice ponderado.

## RESPOSTAS BRASILEIRAS À VIOLÊNCIA

A distribuição etária, racial e territorial dos homicídios no Brasil certamente contribuiu para que demorássemos a produzir respostas, tanto no âmbito das políticas públicas como no da sociedade civil. A invisibilidade e baixa capacidade de mobilização das principais vítimas da violência explicam, em boa medida, os indicadores com os quais o Brasil convive há duas décadas, quase sem se dar conta do tamanho da emergência.

Até recentemente, as políticas de segurança eram temas restritos às secretarias de segurança estaduais, muitas vezes comandadas por coronéis do Exército ou policiais reformados. Apenas no segundo mandato do governo Lula se iniciou, timidamente, respostas em âmbito nacional, com programas que procuram combinar atividades preventivas com apoio às atividades de polícia, como é o caso do Programa Nacional de Segurança com Cidadania (Pronasci), criado em 2007. Alguns estados passaram, a partir da presente década, a investir recursos expressivos em formação policial, modernização das bases de dados e dos sistemas de informação, articulação com programas de prevenção voltados para jovens, e vêm recolhendo resultados positivos. Mas no cenário nacional predominam as baixíssimas taxas de esclarecimentos de crimes pelas polícias, as condições aviltantes das prisões, o moroso sistema de justiça criminal, que tende a encarcerar os pobres e juridicamente desassistidos e a não conseguir manter nas prisões os que têm bom apoio jurídico, sejam eles os ricos ou os traficantes e criminosos com articulações no crime organizado. As polícias, na maioria dos estados, ainda produzem respostas meramente repressivas, muitas vezes combinando brutalidade e corrupção, como é o caso do Rio de Janeiro, com mais de 1 mil mortes provocadas pela polícia em confrontos a cada ano. Em outras palavras, é obrigatório reconhecer, ao fim da década atual, que prevalece a naturalização da violência, quando essa se localiza nos bairros periféricos, e a indiferença, quando forças de segurança tratam cidadãos pobres como inimigos.

As organizações da sociedade civil no Brasil têm participado timidamente dos esforços de mudança do sistema de segurança, principalmente se compararmos a centralidade decisiva de seu papel em áreas como saúde, políticas ambientais, cultura e educação. A agenda das respostas à violência e da segurança pública ainda é pouco reconhecida entre os setores democráticos da sociedade; ou seu reconhecimento é inferior à gravidade do quadro que o país apresenta. Nesse sentido, a I Conferência Nacional de Segurança Pública, que ocorre em 2009, a despeito das limitações próprias dos processos de conferências, é uma oportunidade histórica de mudar o nosso padrão de respostas. ■

### Referência

WASELFISZ, Júlio Jacobo, *Mapa da Violência: os jovens da América Latina*. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana (Rittla); Ministério da Justiça do Brasil e Instituto Sangari, 2008.